

A FILOSOFIA À LUZ DOS SINAIS DOS TEMPOS

Antonio Pedro Misiara

Grandes e profundas são as transformações que afetam e caracterizam nossa época. A semelhança do século IV, pressente-se uma novidade sublime, através dos sinais que marcam o século XX. Vencido o ímpeto das perseguições que alicerçam nas catacumbas a fé dos mártires, o cristianismo identificára-se naquele século IV com a cultura romana, formando uma unidade com o império.

A vitória dos povos, assim chamados bárbaros, e a derrota das armas romanas davam a impressão de uma civilização que agonizava. Era o fim do mundo antigo. A Igreja não julgou que tudo estava perdido pelo fato de Roma estar condenada. Vislumbrou uma nova civilização cujos protagonistas eram novos povos que buscavam um lugar ao sol. A Igreja jamais se prendeu a uma civilização, a um povo, a um estilo, a uma época. Soube a tempo abandonar tudo quanto para ela não passava de accidental e como fermento na massa fundir-se com as épocas e com os povos da história.

As nações que disputam hoje a hegemonia do mundo, as formas políticas e sociais, as estruturas econômicas, são novos sintomas do advento da comunidade humana que surge sob o signo da justiça e do amor.

Os bispos da América Latina, reunidos na Segunda Conferência Geral, em Medellin, Colômbia, reconheceram a sublime novidade: «estamos no umbral de uma nova época da história de nosso continente. Época plena de um desejo de emancipação total, de libertação de qualquer escravidão, de maturidade pessoal e integração coletiva. Notamos aqui os prenúncios do parto doloroso de uma nova civilização. Não podemos deixar de interpretar êste gigantesco esforço por uma rápida transformação e desenvolvimento como evidente sinal da presença do Espírito que conduz a história dos homens e dos povos para sua vocação». (1)

A Constituição Pastoral **Gaudium et Spes — A Igreja no Mundo de hoje** — analisa as situações profundamente mudadas, as transformações sociais, psicológicas, morais e religiosas do mundo de hoje. Consequentemente se fazem sentir os desequilíbrios da civilização moderna: «uma evolução tão rápida das coisas, progredindo desordenadamente, e mais ainda a própria consciência mais aguda das discrepâncias vigentes no mundo produzem ou aumentam as contradições e desequilíbrios.» (2)

Não há dúvida que todos êsses acontecimentos são sinais precursores de uma realidade nova, de uma realidade sublime, de uma história que nós estamos construindo, história que somos nós, porque não somos apenas espectadores, mas atores responsáveis. Cabe-nos essa tarefa difícil mas honrosa de construtores da uma nova época. Qual seria, porém, o papel da Filosofia, que sempre precedeu os acontecimentos históricos, buscando suas causas profundas, (embora não queiramos aqui tratar de uma Filosofia da História), na concretização de uma nova era?

Teria ela perdido seu lugar, seu sentido, diante da dimensão científica da atual civilização, perante uma época que depara ao mesmo tempo perspectivas de progresso e perfeição, de crueldade e escravidão imagináveis, perante uma técnica que tanto pode servir para aniquilar o gênero humano, como para romper fronteiras da terra e abrir ao homem os caminhos do universo?

Ter-se-ia esvaziado a Filosofia perante uma Psicologia que sonda, interpreta, compreende o inconsciente, auxiliando o homem a se conhecer profundamente, a se encontrar, a ser feliz e a se realizar? Poderia a dimensão social, o maior problema do século XX destruir aquilo que é fundamental em toda Filosofia, a pessoa humana com sua dignidade e seus direitos? Há lugar ainda para uma Metafísica, quando o existencial é uma exigência das gerações novas?

Três Dimensões da nova civilização

I — Dimensão científica:

Ninguém ignora que a ciência e a tecnologia cresceram em desproporção com as ciências que tratam da pessoa humana. Criou-se um ambiente próprio para máquinas e não para o homem. Muitas das atividades mentais já são substituídas por cérebros eletrônicos, automatismos e robots. Criou-se até mesmo um humanismo científico, como se a ciência fosse o maior valor, a mais alta solução.

Em seu livro o **Desafio Americano**, Jean-Jacques Servan-Schreiber, falando sobre o universo dos computadores a certa altura:

«Os mais apaixonantes progressos no método de informação por meio de computador-ordenador baseiam-se no que se designa por ordenadores de tempo real». Quer dizer, o ordenador e a sua própria memória tornam-se suficientemente potentes para operar em escassas frações de segundo uma série de questões, sem ser preciso proceder às operações de classificação. O que fará com que o homem que se servir do ordenador em «tempo real» possa dialogar com êle à velocidade de uma conversação corrente.

Calculamos hoje que o conjunto de informações reunidas em todas as bibliotecas do mundo representa 10^{15} signos (1 milhão de bilhões de signos). Essa documentação está inteiramente reunida sob a forma de livros e outros documentos **impressos**. Uma das indústrias americanas de computadores eletrônicos acaba de anunciar a próxima comercialização de um ordenador-gigante, com memória de acesso direto, que poderá recolher e reter 10^{12} signos (mil bilhões de signos numa só máquina). Daqui a 1980, é razoável pensar que um reduzido número de ordenadores poderá substituir **toda a documentação escrita que existe no mundo**. E esses ordenadores funcionarão em «tempo real»; entregarão toda as suas informações, em respostas às perguntas, no ritmo de um diálogo normal.» (3)

Qual a pessoa humana capaz de reter tanto e responder bilhões de perguntas? No entanto, um coputador eletrônico será capaz!

O Concílio, na G.S. aceita e interpreta a dimensão científica da atual civilização.

«A perturbação atual dos espíritos e a mudança das condições de vida estão vinculadas a uma transformação mais ampla das coisas.

Esta faz com que as ciências matemáticas e naturais ou as que tratam do próprio homem adquiram preponderância crescente na formação do pensamento,

enquanto a técnica, derivada daquelas ciências, influencia na ordem da ação. Esse espírito científico produz um sistema cultural e modos de pensamento diferentes dos anteriores. A técnica progride a ponto de transformar a face da terra e já tenta conquistar o espaço interplanetário.

A inteligência humana dilata de certa maneira o seu domínio sobre o tempo. Sobre o passado, pelo conhecimento histórico. Sobre o futuro, pela prospectiva e planificação. O progresso das ciências biológicas, psicológicas e sociais não só contribui para que o homem se conheça melhor mas fornece-lhe também os meios de influenciar diretamente na vida da sociedade, usando métodos técnicos...

A própria história acelera-se tão rapidamente em seu curso que os homens conseguem segui-las com dificuldade... (4)

Conseguiriam as ciências e a tecnologia substituir a Filosofia? Teria a Filosofia perdido o seu sentido diante de um humanismo científico que procura dar resposta a tudo e substituir o próprio Deus?

A — Argumentação Filosófica :

Karl Jaspers, na sua Filosofia da Existência, parece responder a essa questão. Nosso filosofar atual, diz êle, está sujeito às condições impostas por esta experiência da ciência. Conhecimento real científico não é conhecimento do ser. O conhecimento científico é particular, sobre objetos determinados, não sobre o ser mesmo julgado.

O conhecimento científico não pode dar nenhum objetivo para a vida. Não estabelece valores válidos. Como tal não pode dirigir. **A ciência não é capaz de responder a pergunta sobre seu próprio sentido.**» (5)

Pierre Fougeyrollas, em seu livro **A Filosofia em questão** afirma que não cabe propriamente à Filosofia a solução, mas a proposição ou a formulação dos problemas fundamentais, comportem ou não solução.

Não se trata, pois, desde os primórdios, apenas de conhecer o homem, a sociedade, o mundo, e de conhecer racionalmente, procurando sempre fundamentar ou justificar o conhecimento, mas, também de modificá-los ou transformá-los, como se torna patente na República de Platão, e na Ética e na Política de Aristóteles...

Se refletirmos sobre a estrutura da Filosofia, verificaremos que comporta dois momentos perfeitamente distintos. O primeiro, é o do ímpeto ou impulso original, que nos leva a contestar, a criticar, a pôr em questão, a negar o dado, o existente, o que está aí... A esse momento originário, de crítica, de negação, sucede o momento de queda ou colapso do filosofar, em que o pensamento, desprendendo-se do impulso original, se coagula, se enrijece, por assim dizer, em doutrina ou sistema...

Parafrazeando Spinoza, Fougeryrollas distingue, assim, a filosofia «filosofante» da filosofia «filosofada» para caracterizar os dois momentos que constituem a estrutura da filosofia.

O importante, do ponto de vista do filosofar, é manter intacto o espírito crítico e a consciência das contradições filosóficas, desveladas pelo pensamento dialético; são insolúveis enquanto contradições fundamentais... A filosofia parece conservar esta irreduzível função: propiciar ao homem a revelação do modo, quer dizer, a consciência de si mesmo, como transcendência e liberdade.» (6)

G. Gusdorf, em seu «Tratado de Metafísica», afirma que a investigação filosófica se impõe como tarefa justificar a existência, por outras palavras, tende a

assegurar uma correspondência entre a vida humana e uma verdade que a fundamenta em valor... O termo verdadeiro de toda filosofia é uma transformação do mundo, que sirva de ponto de arranque de novos empreendimentos. (7)

Luis De Raeymaeker, em «Filosofia do Ser», assim formula o problema principal de toda filosofia: **o princípio explicativo da unidade universal.** (8)

Heidegger — A Filosofia é tentativa de sondar a questão insondável, revelando, o que ela nos chama a pesquisar. Filosofar, significa inquirir no extraordinário. (9)

Nicolai Martmann — La Nueva Ontologia: «Hoje mais do que nunca os que refletem seriamente estão convencidos de que a filosofia tem tarefas práticas. As idéias são poderes do espírito, isto é, pertencem ao reino do pensamento, o qual tem sua própria disciplina e crítica: a filosófica. Por isso, a **filosofia é chamada a incluir o presente e o atual e a colaborar nas necessidades de agora. Não pode, porém, penetrar nas tarefas práticas, sem um conhecimento do ser.**» (10)

Huan-tzu — escrevia há 26 séculos atrás este poemeto chinês encantador: «se os teus projetos são para um ano, semeia o grão; se são para dez anos, planta uma árvore; se são para cem anos, instrui o povo.

Semeando uma vez, o grão, colherás uma vez, plantando uma árvore, colherás dez vezes, instruindo o povo, colherás cem vezes.

Se deres um peixe a um homem, alimentar-se-á uma vez, se o ensinares a pescar, êle comerá a vida inteira.

B — Argumentação Científica:

Schwyzzer Robert — em seu livro «Facetas da biologia molecular», estudando a origem da vida faz as seguintes considerações:

«Muitos investigadores, porém, crêm que a vida surgiu por acaso; isto quer dizer que ácidos nucléicos e enzimas fortemente funcionais foram consequência de uma ordenação casual de letras; o seu ajuntamento numa máquina plano-condicional teria sido também casual. Temos, portanto, diante de nós um problema de estatística. É comparável ao seguinte: tomamos uma caixa cheia de letras recortadas. Sacudimo-la e deixamos cair as letras isoladamente por uma abertura. Pergunta-se: a sequência de letras dá sentido? Talvez uma poesia? Quantas tentativas serão necessárias para chegarmos ao verdadeiro resultado?... O que seria mais natural: a vida por acaso ou por criação? O resultado poderá levantar tempestades na filosofia e na teologia. Não queremos, porém, especular aqui, mas apenas dizer o seguinte:

Quanto mais penetramos no mistério da biologia molecular, tanto maior nos parece o milagre da nossa presença no mundo — quer sua origem tenha sido o acaso ou Deus.» (11)

Herman Von Mueller — Progresso científico na Alemanha — afirma que os progressos da ciência levaram-na até os limites que seus próprios conhecimentos não permitem ultrapassar, pois, levantam-se perante ela problemas que a filosofia já conhecia há muito tempo. Transpõe-se assim a fronteira até agora rigorosamente respeitada entre a ciência e a filosofia.

A amplitude e a multiplicidade dos problemas aumenta o campo do saber na ciência e levam às especializações... E isto significa: objetividade da visão, veracidade do pensamento e constância da interrogação, mas também, a **sinceridade**

e a humildade perante os limites traçados à razão humana. Esta atitude não conduz hoje ao ceticismo e ao relativismo, mas, desvia os olhares da especialização inevitável, **dirigindo-os de novo para o universo na sua totalidade.** Reconquista assim o que a ciência dos fins do século XIX perdera: **o profundo respeito pelo mistério.** (12)

Os estudiosos da bio-química chegaram a um ponto em que reconheceram a necessidade da metafísica, dadas as limitações da experiência. Realmente, na divisão do ser extenso ao infinito, é impossível acompanhá-la fisicamente sem o auxílio de uma transcendência. A composição de matéria e forma explica a divisibilidade ou multiplicidade potencial da constituição eletrônica dos corpos. A linguagem dos físicos modernos que falam da perda de individualidade dos elementos sub-atômicos que fazem parte do átomo ou da molécula, é uma confirmação do hilemorfismo, pois, os electrons se encontra virtualmente no átomo quando se desprendem sob a ação desagregante de determinadas energias e em determinadas condições. (13)

Muitos confundem a teoria da relatividade de Einstein com o relativismo do conhecimento, como se Einstein desse uma demonstração experimental dessa falsa doutrina. A teoria da relatividade de Einstein, que é um sistema apriorístico, diz que as medidas atuais estão em relação com a nossa posição local e com o nosso movimento, o que não exclui uma realidade absoluta. Quando Einstein fala da transformação de massa em energia, refere-se à inércia eletromagnética, e não à massa como matéria. (14)

Não é verdadeiro dizer-se que foi o princípio de causalidade superado pela Física moderna, pelo princípio de indeterminação. Não se deve confundir princípio filosófico com teoria científica. A Filosofia não se baseia em teorias científicas que são mutáveis com o progresso das ciências, mas, sôbre as exigências imutáveis da própria natureza do ser. Procura-se hoje atrelar a uma teoria científica a filosofia e até mesmo os próprios dogmas, o que é uma aberração. Não tem sentido atrelar o absoluto ao relativo e sim vice-versa.

O princípio de causalidade distingue-se do princípio de determinação da Física clássica. O princípio de causalidade diz: todo efeito deve ter necessariamente uma causa. Não é a filosofia responsável pela concretização ou aplicação não acertada do princípio. E nem tampouco pela insuficiência ou imperfeição do conhecimento humano em relação às partículas infra-atômicas. A objetividade do princípio de causalidade continua de pé ainda que a Física moderna não consiga no mundo sub-atômico conhecer perfeitamente a causa nem prever com certeza o efeito. (15)

Aqui cabe aquele ditado oriental: «não chorais por não terdes visto o brilho do sol, para que vossas lágrimas não impeçam de ver à noite, a beleza das estrélas».

2 — Dimensão psicológica:

O homem moderno é levado pelo desejo de se conhecer, de se encontrar, de se realizar. Frei Tepe, em seu livro **Prazer ou Amor**, descreve em três tempos esse supremo anseio de felicidade: «eu e o id», o eu e os outros o eu e Deus. Na vida espiritual como na vida psíquica, as perturbações provém dessa tríplice fonte.

I — Id: «No plano emocional-afetivo, tôda divisão, tôda desarmonia, todo isolamento é percebido como ameaça vital como angústia. A neurose que é o grande flagelo do século é um trauma emocional-afetivo, causado, gerado, por

angustiosa sensação de desamparo, de rejeição. Ela torna-se realmente uma heresia existencial.

II — O outro. No plano consciente, a desarmonia, a ruptura toma o nome de pecado. Só há um pecado: não amar; pois há um só mandamento, no qual estão encerradas tôdas as leis: amarás! Realiza-se e torna-se feliz o homem que, no plano espiritual, caminha para um amor sempre mais profundo, e que, no plano psíquico, **consegue relacionamento satisfatório com o ambiente.** «O verdadeiro prazer é o prazer de conviver» disse Saint Exupéry.» (16)

III — Deus. O centro do homem não é o seu próprio «eu», o centro autêntico é Deus. Se amar é sair de si e colocar o centro de gravitação no ser amado, gravitar em tórno de Deus é encontrar o único centro de gravitação que permite descrever o curso da vida equilibrada, harmoniosa e serenamente. A frustração existencial é a perda do sentido da vida. «A falta de sentido para a vida tem levado a numerosos casos de neurose.»

Frankl afirma até que «passou o tempo em que a frustração sexual estava em primeiro plano nos sintomas neuróticos. Hoje, vê-se raiz da maior parte de neuroses frustração existencial, que exige terapia causal adequada... A frustração existencial não é outra coisa que a insatisfação dêste desejo humano de sentido.» (17)

A — Psicanálise:

A psicologia leva o homem a desvendar as profundezas de sua consciência atingindo o inconsciente. Freud teve o grande mérito de descobrir os dinamismos e mecanismos do inconsciente. Seu êrro, porém, foi supervalorizar o «id», relegando a plano secundário o «eu»: «O indivíduo é para nós um Id psíquico, não conhecido e inconsciente, sôbre o qual está colocado, superficialmente o «eu», que se desenvolveu partindo da percepção como de seu núcleo... É fácil de compreender que o «eu» é aquela parte do Id que se transformou, sob o influxo do mundo exterior, por intermédio do sistema «percepção-consciência...» (18)

Não é o Id o fator mais importante na vida humana, mas, o Eu. Muito valor se deu ao inconsciente psíquico e nenhum ao consciente moral. Pio XII, falando a psicólogos e psiquiatras, argumenta: «O homem, considerado na sua unidade transcendental, tende para Deus. Às relações transcendentais do psiquismo, pertence também o sentimento de culpabilidade, a consciência de se ter violado uma lei superior de que todavia se reconhecia a obrigação: consciência que pode tornar-se sofrimento e até perturbação psíquica.» (19)

Não pode a psicoterapia desconhecer o problema moral da consciência, permanecendo neutra perante o pecado e muito menos aconselhar o paciente a cometer o pecado material, sem falta subjetiva. O pecado é também causa de perturbação psíquica. Permiti-lo é agravar mais o estado da consciência psicológica. A psicoterapia poderá sanar as desordens de natureza psíquica, que pertencem à consciência psicológica, mas, jamais as devidas ao senso de pecado, pertencentes à consciência moral, porque sendo o pecado uma ofensa a Deus, o perdão só poderá vir de Deus, através dos meios que Ele divinamente instituiu para restaurar a paz espiritual da criatura humana. (20)

Igor Caruso, mestre da escola psicanalista personalista, nos fala de uma psicologia profunda que termina onde começa o cristianismo.

B — Fenomismo psicológico:

Maior absurdo é o de certos psicólogos modernos fenomenistas que defendem uma «psicologia sem alma»: em outros termos, a assim chamada «Teoria da atualidade da alma». Afirmam eles que a realidade metafísica da alma já passou de moda. A alma não passa de um conjunto de fenômenos psíquicos, de atos vitais sem causa, ou «eu» que os produza e os sustente.

A consciência na introspecção atesta de modo evidente a existência do «eu» como causa dos atos psíquicos; a permanência do «eu» e a variação dos fenômenos imanentes à consciência; a distinção entre o «eu» e tais fenômenos. (21)

C — Idealismo psicológico:

É falso também o consciencialismo, o idealismo psicológico, como se toda a realidade fosse imanente à consciência do sujeito. Os seres não passariam de conteúdos da consciência. É ser tudo aquilo que é percebido por nós, que se constitui em conteúdo de nossa consciência. Berkeley assim se expressou: ser é igual a ser percebido. «Esse est percipi.»

Não conflita a filosofia com a psicologia. Assim como a ciência esbarra com a metafísica, não se concebe uma psicologia sem alma, sem a realidade metafísica da alma. As angústias, as neuroses, as frustrações têm uma causa mais profunda: o amor e a liberdade do homem. O homem se frustra, quando não tende para o bem ou quando não o escolhe, porque somente o bem o aperfeiçoa. A dinâmica do amor e da liberdade está em função dos valores. O valor do bem é o maior valor.

A filosofia não apenas subjetiva, mas, essencialmente objetiva, baseada na realidade que se distingue do sujeito que a conhece, e que é determinada na sua essência. A realidade não depende da consciência, mas, impõe-se a ela. A verdadeira filosofia é transcendente e imanente. Por isso ela corresponde ao grande drama do mundo existencial, em que vivemos.

3 — Dimensão social:

Frei Barauna, em seu artigo **Transcendência — imanência, a difícil dialética da hora presente**, comenta:

«Acredito que se impõe e vale a pena uma reflexão cerrada e responsável em torno aos dois polos do binômio anunciado, que para muitos não parecem relacionar-se com dados dialéticos e passíveis de integração e síntese, mas antes como elementos antitéticos, inconciliáveis. Como observa H. I. Marrou, o cristão no mundo está colocado em uma «situação paradoxal e antinômica, pois que vinculada às exigências opostas da encarnação e da transcendência». O problema está em viver sãdiamente esta dialética indissociável do mistério cristão, de vez que «a situação dos cristãos no mundo implica uma síntese de imanência e transcendência.»... Não estaremos tentando viver a dimensão escatológica e transcendente do mistério de Cristo que está em nós, e ao mesmo tempo atraído os compromissos que temos com o mundo e com os homens da nossa época...? Inversamente: não estaremos procurando viver um cristianismo imanente e encarnado no temporal, e traído a dimensão vertical, mistérica, transcendente e escatológica...? (22)

Esse foi sempre o drama da filosofia. De um lado, o **positivismo materialista**, o **racionalismo**, negando o transcendente; o **agnosticismo**, vetando, à razão o acesso ao metafísico e o existencialismo, a filosofia do contingente, do singular, do «eu» empírico: De outro lado, o **idealismo**, quer negando à nossa mente o conhecimento da realidade em si — **Criticismo de Kant** — ou então reduzindo tóda a realidade a algo lógico, como quer o **panlogismo**.

Esta tese é defendida pelo Neo-Kantismo, sobretudo pela escola de Marburgo. Hermann Cohen, fundador dessa escola, sintetiza em uma frase o pensamento central do Neo-Kantismo: «O ser não descansa em si mesmo; o pensamento é quem o faz surgir».

Gentile, autor do **Teoria Geral do Espírito como Ator Puro**, reduz tudo a um puro monismo. A essência do pensamento Gentiliano está no pensamento absoluto, no qual se resolve tóda a realidade e tóda a multiplicidade, através do processo dinâmico que compreende: 1) o sujeito que se põe. A arte é o momento da pura exaltação do sujeito que se abstrai do objeto; 2) o objeto posto, ao qual corresponde a religião — exaltação do objeto que se abstrai do sujeito e do objeto, ao qual corresponde a filosofia, momento em que o espírito toma consciência de si. ⁽²³⁾

A existência humana não pode ser explicada senão na visão integral da realidade, que não é sòmente o absoluto, nem tão pouco o contingente, mas, a coexistência de ambos. Maurice Blondel, em seu livro «L'Action», escreve:

«A razão não fica no ar entre o céu e a terra; **reune o transcendente e o absoluto ao contingente**; apoia-se, portanto, nas duas extremidades da escala pela qual nossas explicações têm de descer e nossas ações de subir.» ⁽²⁴⁾

Em outra página diz: «As idéias que nos impelem para o alto não derivam inteiramente de nós; introduzem em nós uma fôrça que é a de uma presença realmente transcendente; e a imanência vital dêsses princípios de valor ontológicos suscita o movimento que, emanado de cima para baixo, torna possível e até obrigatória nossa ascensão.» ⁽²⁵⁾

Paulo VI, ao apresentar ao mundo a Constituição Pastoral **Gaudium et Spes** afirmou que para «conhecer a Deus é preciso conhecer o homem» e para amar a Deus é necessário amar o homem, não como meio, mas como térmo. Quem ama o homem, ama a Deus.

Tóda a pastoral do Episcopado da América Latina visa a promoção do homem. «A Igreja Latino-Americana, reunida na Segunda Conferência Geral de seu Episcopado, concentrou sua atenção sôbre o homem dêste continente que vive um momento decisivo de seu processo histórico... Desta forma não se «desviou», mas, se voltou para o homem.» ⁽²⁶⁾

Duas fôrças disputam hoje a hegemonia do mundo o capitalismo e o comunismo. Ambas são imanentes. A Igreja preocupou-se mais com o transcendente. É na união do transcendente com o imanente que se encontra a verdadeira dimensão social da nova civilização que surge. O capitalismo está errado porque é egoísta e o comunismo porque totalitário. A verdadeira dimensão social é colocar todos os bens a serviço de «todos os homens e do homem todo». O capitalismo e o comunismo desconhecem o transcendente.

Émile Bréhier em seu livro **Transformation de la Philosophie Française**, comenta o fato da «invasão do transcendente na Filosofia: «Esta introdução do transcendente é o signo de uma crise de civilização que deixa o homem solitário, interrogando-se sôbre os valores.» ⁽²⁷⁾ Realmente, dentro do pensamento católico, muito se insistiu

sobre a transcendência, desconhecendo-se em parte o sentido imanente e horizontal do cristianismo e a necessidade de uma inserção no mundo por uma sensibilidade maior aos sinais dos tempos.

Durante séculos, toda a espiritualidade da Igreja consistia em fugir do mundo. Assim procederam os anacoretas, as ordens e as congregações religiosas. Construiu-se de tal forma uma civilização, à margem de qualquer inspiração cristã. O Concílio Vaticano II abre a perspectiva de um cristianismo imanente. O Cardeal Daniélou assim define «a relação básica que une a história profana à história santa. A história profana, o crescimento da humanidade, dá à Igreja a matéria que ela transfigura pela graça... O cristianismo é todo ele a edificação no tempo do mistério oculto em Deus desde toda a eternidade.» (28)

A filosofia hoje se volta para uma inserção na existência. Assim um Gabriel Marcel e o existencialismo cristão. Há filósofos e teólogos que «buscam na imanência da história profana a emergência da transcendência da história santa», bem como uma inserção maior na vida social: Cardeal Daniélou, e Padre Lubac Padre Teilhard de Chardin são as expressões mais lídimas de uma inserção filosófica no conhecimento científico.

CONCLUSÃO

A filosofia não pode deixar de ser transcendente e imanente. Padre Lubac, estudando o drama do humanismo ateu, assim se expressa: «O positivismo não deixa de testemunhar, à sua maneira, uma vocação que o homem não poderia sufocar. O itinerário espiritual de Comte é o da própria história da humanidade. A fé perdida não pode por muito tempo permanecer sem substituto...»

A virtude de uma religião sem transcendência, de um misticismo sem sobrenatural, rapidamente se esgota. Adorador da humanidade, A. Comte ignorou profundamente a natureza humana. Acreditou satisfazê-la oferecendo-lhe uma divindade que fosse perfeitamente homogênea... É que ele era impressionantemente desprovido desse sentido da transcendência.» (29)

E Henri Duméry, assim fala da imanência: «O homem é o artesão da história, e os desígnios de Deus em relação ao mundo só podem revelar-se através dos atos humanos.» A revelação desvenda Deus porque o faz significar pelo homem.» (30)

Eis aí o que significa uma filosofia à luz dos sinais dos tempos: solucionar a difícil tarefa da hora presente — transcendência e imanência. Demonstramos que as dimensões científica, psicológica e social da atual civilização esbarram com uma metafísica, com a transcendência, e ao mesmo tempo demonstramos que a transcendência sem a imanência esvazia o sentido da história da humanidade que é a própria história da salvação.

O homem é a síntese dessa transcendência e imanência. No Cristo, diz a **Gaudium et Spes**, manifesta-se o mistério do homem. A maior descoberta do século não é o radar, nem a bomba atômica, nem a lua, mas o homem. Deus criou o universo para criar o homem. A grande solução é o humanismo teocêntrico. Cristo é «o fim da história humana, ponto ao qual convergem as aspirações da história e da civilização, centro humanidade, alegria de todos os corações e plenitude de todos os seus desejos.» (31) Cristo é o homem novo.

A nova civilização que surge somente conseguirá a plenitude do Cristo, do Corpo místico, através da promoção humana, se compreender a filosofia dos sinais dos tempos — Transcendência e Imanência.